

## 38 – FIM DA PRIMEIRA FASE

Durante trinta anos, de 1819<sup>122</sup> a 1850, muitas vezes se sobrepondo às incompreensões e aos reveses, Hippolyte Léon Denizard Rivail empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem-número de crianças e jovens parisienses, segundo o método pestalozziano, com modificações, acrescido de práticas pedagógicas por ele mesmo criadas ou desenvolvidas, algumas das quais só mais tarde, no século XX, seriam retomadas e largamente difundidas por ilustres reformadores do ensino.

Esse primeiro período da vida de Rivail foi pródigo em benefícios para a coletividade francesa, e preparou-o convenientemente para ser o homem universal, novo Cristóvão Colombo que, arrostando lutas e escolhos sem conto, patentearia ao espírito humano um outro mundo que até então vivia envolto em denso mistério: o mundo dos Espíritos.

Toda essa fase existencial de Rivail, bem como a seguinte, sofreram a influência dos ensinamentos colhidos no Instituto de Yverdon. “Foi nessa escola” – acentuou Henri Sausse – “que se lhe desenvolveram as idéias que mais tarde deviam fazer dele um observador atento e metódico, um pensador prudente e profundo.” Nesse estabelecimento, em que a coação não existia, permitindo ao aluno expandir naturalmente suas forças em gérmen, Rivail aprendeu a pedagogia inteligente, não atrofiadora

---

<sup>122</sup>Releia-se o capítulo 9, p. 61

da mente juvenil. Ele, afinal, podia fazer suas estas palavras de Fröbel, o genial criador dos “jardins-de-infância”: “O tempo que passei em Yverdon foi decisivo em minha vida.” Daí a observação do biógrafo Jean Vartier<sup>123</sup>: “Pestalozzi pode ser considerado como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi.”

No decorrer de sua frutuosa carreira pedagógica de institutor-filantropo, Rivail exercitou “a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada”. Diga-se, de passagem, que quase todas as realizações posteriores a 1832, ano do seu casamento, se originaram ou se fortaleceram nas palestras costumeiras entre ele e a esposa. À mulher, conforme salientou a Condessa de Ségur, é que se devem principalmente as inspirações que os homens concretizam.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia Rivail firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, a sua reputação de distinguido mestre da Pedagogia moderna, com o seu nome inscrito em importantes obras biobibliográficas.

---

<sup>123</sup>Jean Vartier, ob. cit., p. 21.

#### 4 – H. L. D. RIVAIL, EDUCADOR, ESTUDA OS FATOS

A propósito da notícia veiculada pelo Sr. Fortier, o ilustre professor faria este comentário adicional: “Eu ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa “falante” ainda não me entrara na mente.”

Conforme assinalara a escritora inglesa Anna Blackwell, que o conheceu de perto, aquele espírito “ativo e tenaz” era “precavido até quase à friez, céptico por natureza e por educação”.

Aliás, cerca de trinta anos antes, quando Rivail tinha apenas 24 primaveras, sua preocupação científica e seu caráter eminentemente positivo o fariam escrever numa obra sobre a educação pública: “Aquele que houver estudado as ciências rirá, então, da credulidade supersticiosa dos ignorantes. Não mais crerá em espectros e fantasmas. Não mais aceitará fogos-fátuos por espíritos.”<sup>140</sup>

Foi, portanto, como racionalista estudioso, emancipado do misticismo, que ele se pôs a examinar os fatos relacionados com as “mesas falantes”: “Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência (o Espiritismo) nos seus mais íntimos refulhos; busquei explicar-

---

<sup>140</sup> *Jean Vartier*. “Allan Kardec, la naissance du spiritisme”, Paris, Librairie Hachette, 1971, p. 29.

-me tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma, sem lhe conhecer o como e o porquê.”<sup>141</sup>

Como se vê, e o disse muito bem André Moreil<sup>142</sup>, “entre Rivail, o educador, e Allan Kardec não há diferença alguma, nem de método, nem de rigor científico”.

Em maio de 1855, convidado para assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, nº 18, aí presenciou, pela primeira vez, o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, “em condições tais” – depõe ele mesmo – “que não deixavam margem a qualquer dúvida”. Viu, ainda, as respostas inteligentes que, por meio de pancadas, a mesa fornecia, e assistiu a alguns ensaios de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio do primitivo processo da “cesta-de-bico” (*corbeille-toupie*) descrita em “O Livro dos Médiuns”.<sup>143</sup>

Os fatos posteriormente observados por Rivail, em 1855, com diferentes médiuns, foram de tal ordem que o perspicaz e clarividente professor sentiu que algo de momentoso se estaria passando: “Entrevi – diria ele mais tarde – naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim investigar a fundo.”<sup>144</sup>

Continuando a freqüentar a casa da Sra. Plainemaison, efetuou observações cuidadosas, repetiu experiências, até que encontrou nas sessões da família Baudin, então residente à rua Rochechouart, o ambiente ideal para prosseguir seus estudos.

<sup>141</sup> Allan Kardec: “O que é o Espiritismo”, 14ª ed. FEB, p. 36.

<sup>142</sup> André Moreil: “La vie et l’œuvre d’Allan Kardec”, Éditions Sperar, Paris, 1961, p. 84.

<sup>143</sup> Allan Kardec: “O Livro dos Médiuns”; ed. da FEB, capítulo XIII, nº 154.

<sup>144</sup> Allan Kardec: “Obras Póstumas”, 10ª ed. da FEB, p. 239.

Em 1856, as sessões realizadas na casa do Sr. Baudin, então sita na rua Lamartine, atraíam seleta e numerosa assistência. Conforme escreve o próprio Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos” ali fora começado e feito em grande parte. Entre os Espíritos menos sérios que ali se comunicaram, Kardec cita Frédéric Soulié, notável romancista e autor dramático, falecido em 1847, que se identificou de mil maneiras e escreveu um conto, publicado na “Revue Spirite”. Ele se manifestou espontaneamente. “Sua conversação era espirituosa, fina, mordente, bem a



Frédéric Soulié (1800-1847)

propósito, e jamais desmentiu o autor das ‘Mémoires du Diable’.” “O médium que lhe servia de intérprete era a Srta. Caroline Baudin, uma das filhas do dono da casa, médium inteiramente passiva, que nunca tinha a menor consciência do que escrevia, podendo rir e conversar livremente, o que ela fazia com naturalidade, enquanto a sua mão psicografava. O meio mecânico usado fora, durante muito tempo, a cesta-de-bico (*corbeille-toupie*) (...). Mais tarde, o médium se serviu da psicografia direta.”

Estes dados informativos constam do Prefácio que Kardec fez para o conto de Soulié, acima referido, e que assim intitulou: “Une nuit oubliée ou la sorcière Manouza (Mille deuxième nuit des Contes arabes)”.<sup>145</sup>

Diante de fatos que tais, pôde o Professor Rivail concluir pela origem extraterrena dos numerosos manifestantes, a revelarem a sua condição de Espíritos, de almas daqueles que já tinham vivido na Terra, identificando-se de mil maneiras.

“Quando uma raça, uma arte, uma ciência, um credo preparam o seu advento, o homem extraordinário aparece personificando novas orientações dos povos ou das idéias. Anuncia-se como artista ou profeta, desentranha-as como inventor ou filósofo; empreende-as como conquistador ou estadista.” Estas palavras de Ingenieros se aplicam, como uma luva ao nosso biografado.

O Consolador, consubstanciado no Espiritismo, vinha de alvorecer, e um homem extraordinário fora destinado a preparar-lhe o advento e a consolidação. Hippolyte Léon Denizard Rivail foi este homem. Observando, comparando e julgando os fatos, sempre com cuidado e perseverança, concluiu que realmente eram os Espíritos daqueles que morreram a causa inteligente dos efeitos inteligentes e deduziu as leis que regem esses fenômenos, deles extraindo admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de consolações e de solidariedade universal.

A Terceira Revelação chegava na “hora H”. O século XIX vivia a filosofia do desespero, e o nada era a “suprema libertação” que todos esperavam. O criticismo, o positivismo, o materialismo e o pessimismo reduziam a vida a simples agregação de matéria, que com a morte se extinguiria. Como justificar a vida, se o nada era o fim

---

<sup>145</sup>“Revue Spirite”, 1858, pp. 315/317.

de tudo? Portanto, viver era um contra-senso, uma aberração da Natureza. Todos esses sistemas de filosofia negativista eram a consequência inevitável, fatal, da corrupção mesma da Igreja, "corrupção de que resultava, a um só tempo, a decadência da fé nas almas cristãs, e a reação dos espíritos independentes, interessados na obra da civilização e ávidos do conhecimento da verdade".<sup>146</sup>

Eis como pintou a tragédia da época o Dr. Romeu do Amaral Camargo: "Sepultada na treva da própria cegueira, a Humanidade havia esquecido a palavra redentora do Nazareno. A imortalidade sufocava-se ao peso de um

F. R. de Lamennais  
(1782-1854)



materialismo sem peias. No oceano da vida, flutuava sem leme a idéia espiritualista, batida pelo furacão da dúvida, gerada e desovada pelo negativismo já triunfante..."<sup>147</sup>

Lamennais, o famoso filósofo e teólogo francês da primeira metade do século XIX, assinalava que então se vivia a praga do século, a *indiferença em matéria de religião*.<sup>148</sup>

<sup>146</sup> *Farias Brito*: "O Mundo Interior".

<sup>147</sup> "O Revelador", órgão da União Federativa Paulista, São Paulo, 1941, p. 74.

<sup>148</sup> *Apud* "L'Illustration", 1869, pp. 237/8.

No meio de todo esse caos, desse “século de tempestade e de enfraquecimento, que se faz devorar pelo ceticismo e maldiz seu mal, sem querer curá-lo”<sup>149</sup>, ameaçado de fazer soçobrar as esperanças da Humanidade, de decretar “a morte de todas as crenças, a ruína e o desastre da civilização contemporânea”, os homens puderam contemplar a luz de uma nova Doutrina, que despontava no horizonte, anunciando a claridade do dia.

É Kardec quem nos diz dos seus temores ante a revelância da magna revelação que a Espiritualidade vinha trazer à Terra: “Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.”

Freqüentando reuniões inúmeras onde, por meio da “cesta”, muitas vezes se obtinham comunicações que deixavam fora de toda a dúvida a intervenção de entidades estranhas aos presentes, Rivail começou a levar para as sessões uma série de perguntas sobre problemas diversos, às quais os Espíritos comunicantes respondiam “com precisão, profundidade e lógica”. “Mais tarde – escreveu ele depois –, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente.”<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Palavras do filósofo suíço Charles Secrétan, no século XIX.

<sup>150</sup> *Kardec*: “Obras Póstumas”, 10ª ed. da FEB, p. 242.



## 6 – ALLAN KARDEC – 18 DE ABRIL DE 1857 – “LE LIVRE DES ESPRITS”

A primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, cujo frontispício aqui estampamos<sup>154</sup>, era em formato grande, in-8º, com 176 páginas de texto, e apresentava o assunto distribuído em duas colunas. Quinhentas e uma perguntas e respectivas respostas estavam contidas nas três partes em que então se dividia a obra: “Doutrina Espírita”, “Leis Morais”, “Esperanças e Consolações”. A primeira parte tem dez capítulos; a segunda, onze; e a terceira, três. Cinco páginas eram ocupadas com interessante índice alfabético das matérias, índice que nas edições seguintes foi cancelado.

“No momento de publicá-lo – diz H. Sausse<sup>155</sup> –, o Autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com o seu nome – Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de *Allan Kardec*, nome que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos druidas.”

Sausse explica, noutro lugar de sua obra, que Z..., o Espírito protetor do Professor Rivail, é quem fez a reve-

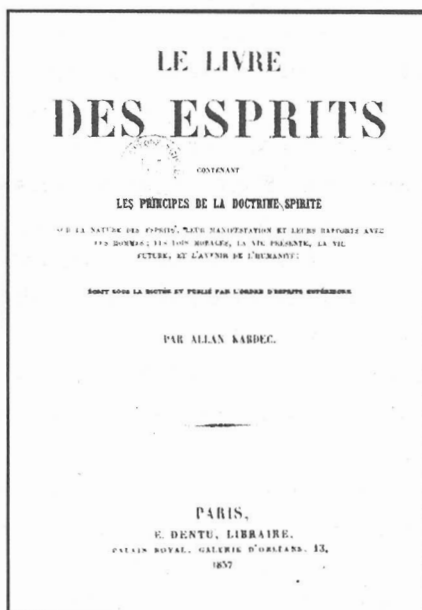
---

<sup>154</sup> Fotografado na “Bibliothèque Nationale”, de Paris.

<sup>155</sup> Henri Sausse: “Biographie d’Allan Kardec”, 4<sup>me</sup> édition, página 32.

lação acima, tendo Z... (ou Zéfiro) acrescentado que ambos viveram juntos nas Gálias, unindo-os, desde então, uma amizade que os séculos fortaleceriam ainda mais.

Foi assim que o surgimento de “O Livro dos Espíritos”, fruto de revelações dos Invisíveis – “observadas, comparadas e julgadas” –, tornou duplamente histórica a data de 18 de abril de 1857, pois o nome *Allan Kardec* identificava o Missionário Máximo do Espiritismo, nascido no mundo dos homens com o livro divulgador da respectiva filosofia.



Primeira edição francesa de  
“O Livro dos Espíritos”.

A crítica malévola dos adversários do Espiritismo não deixou passar sem animadversão o pseudônimo do Professor Rivail. Já em 1857, este se preocupava em prestar esclarecimentos sobre o assunto<sup>156</sup>. O Dr. Sylvino

<sup>156</sup> Em “Reformador” de 1976 (novembro, pp. 331/333), no artigo “Rivail – o di-

Canuto Abreu, residente na cidade de São Paulo, possui em seus arquivos o rascunho, escrito pelo próprio punho do Codificador, de uma carta por ele dirigida a Tiedeman, em 27 de outubro de 1857, nos seguintes termos:

*“Duas palavras ainda a propósito do pseudônimo. Direi primeiramente que neste assunto lancei mão de um artifício, uma vez que dentre 100 escritores há sempre 3/4 que não são conhecidos por seus nomes verdadeiros, com a só diferença de que a maior parte toma apelidos de pura fantasia, enquanto que o pseudônimo Allan Kardec guarda uma certa significação, podendo eu reivindicá-lo como próprio em nome da Doutrina. Digo mais: ele engloba todo um ensinamento cujo conhecimento por parte do público reservo-me o direito de protelar... Existe, aliás, um motivo que a tudo orienta: não tomei esta atitude sem consultar os Espíritos, uma vez que nada faço sem lhes ouvir a opinião. E isto o fiz por diversas vezes e através de diferentes médiuns, e não somente eles autorizaram esta medida, como também a aprovaram.”<sup>157</sup>*

---

reito de ser Kardec”, antecipáramos considerações e referências sobre o pseudônimo de H.L.D. Rivail, aqui formuladas.

<sup>157</sup>Esse Sr. Tiedeman, destinatário da carta, parece ser o mesmo que, à época, hesitou muito em decidir-se a apoiar Rivail, financeiramente, no empreendimento da “Revue Spirite”. Mais tarde (vide “Obras Póstumas”, Segunda Parte, *nota* aos apontamentos da reunião de 15-11-1857, 15<sup>a</sup> edição, FEB, p. 294), o Codificador reconheceu fora para ele uma felicidade não ter tido quem lhe fornecesse fundos, pois, “sozinho, eu não tinha que prestar contas a ninguém, embora, pelo que respeitava ao trabalho, me fosse pesada a tarefa”. A Espiritualidade Superior lhe adiantara: “Podes prescindir dele.” Pôde, realmente, arcando pessoalmente com todo o ônus da empreitada.

A carta aludida, por constituir documento histórico do Espiritismo, vai transcrita, a seguir, em francês, na parte referente ao pseudônimo:

Somente dezoito anos depois da publicação de “O Livro dos Espíritos” surgiria a oportunidade que os inimigos da Doutrina Espírita esperavam para atacar publicamente e sem reboços a onomatopose do Codificador. A história desse ataque foi resumida em “Reformador” de dezembro de 1975, às páginas 20 e 21, donde tiramos os seguintes trechos:

*“Cinco anos após a desencarnação de Allan Kardec, a “Revue Spirite” publicou inúmeros artigos sobre fotografia de Espíritos, ilustrando-os, bem assim as notas informativas que a respeito estampava, com as fotos das pessoas que posavam para os fotógrafos (Buguet – médium – e Firman), e junto às quais apareciam amigos ou parentes desencarnados. Uma das fotografias, de Madame Allan Kardec, trazia a imagem do Codificador do Espiritismo, ostentando uma mensagem em francês, transcrita também na “Revue Spirite”. No ano seguinte – 1875 –, precisa-*



Madame Allan Kardec. Uma das fotos que deram margem ao célebre *Procès des Spirites*.

---

“Deux mots encore sur le pseudonyme. Je dirai d’abord qu’en cela j’ai suivi un rusage reçu, puisque sur 100 écrivains il y en a les 3/4 qui ne sont pas connus sous leur véritable nom, avec cette différence que la plupart prennent des noms de pure fantaisie, tandis que celui d’Allan Kardec a une signification et que je puis le revendiquer comme mien au nom de la

mente no dia 16 de junho, quarta-feira, instaurava-se um processo que ficaria célebre: o Procès des Spirites (Processo dos Espíritas), movido em Paris, pelo Ministério Público, contra Buguet, Firman e, também (e especialmente, é óbvio), Pierre-Gaëtan Leymarie. (...) O Procès des Spirites é algo tenebroso, autêntica peça inquisitorial, só concebível de ter existido nos distantes tempos da Idade Média. As próprias autoridades judiciais se permitiram dialogar de forma desrespeitosa com os acusados, avançando conclusões e, mesmo, desvirtuando informações, com o intuito indisfarçado de pré-julgar. Nem sequer a Viúva Allan Kardec, que prestou declarações como testemunha intimada a comparecer a interrogatório, teve o tratamento devido aos seus cabelos brancos, conforme protesto verbal, na hora, e escrito, que exigiu fosse exarado nos autos respectivos.”<sup>158</sup>

Do mencionado interrogatório, a que foi submetida a Viúva Kardec, constam as seguintes perguntas e respostas, relativas ao pseudônimo do Codificador:

Juiz Millet – *Afinal, em que época o Sr. Rivail adotou o nome de Allan Kardec?*

---

doctrine. Je dis plus: il renferme tout un enseignement que je me reserve de faire connaître plus tard. (...) Il y a d'ailleurs une raison qui domine tout: je n'ai point pris ce parti sans consulter les Esprits, puisque je ne fais rien sans leur avis. Je l'ai fait à plusieurs reprises et par différents médiums; or, ils ont non seulement autorisé, mais approuvé cette mesure.” (*O manuscrito integra o rico acervo do arquivo de raridades históricas do Espiritismo, pertencente ao Dr. Canuto Abreu.*)

<sup>158</sup> O “Procès des Spirites” foi editado pela FEB. Precedendo o inteiro teor do documentário, em francês, há uma “Apresentação”, em português, fartamente ilustrada e anotada, que Hermínio C. Miranda preparou (de 123 páginas), a pedido da Federação Espírita Brasileira, resumindo o livro da Sra. Marina P.-G. Leymarie. Esta última parte foi publicada, também, separadamente.

Sra. Rivail – *Por volta de 1850.*

Juiz Millet – *Onde buscou ele esse nome? Num manual de bruxaria?*

Sra. Rivail – *Não sei o que o Sr. pretende dizer.*

Juiz Millet – *Nós conhecemos as origens dos livros de seu marido; ele se valeu sobretudo de um manual de bruxaria de 1522, de um outro livro intitulado Alberti... e de outros.*

Sra. Rivail – *Todos os livros de meu marido foram criados por ele, com a ajuda de médiuns, e evocações. Não conheço nenhum dos livros a que o Sr. se refere.*

Juiz Millet – *Nós os conhecemos; o nome de Allan Kardec, que seu marido adotou, é o nome de uma grande floresta da Bretanha<sup>159</sup>. A Sra. erigiu a seu esposo um túmulo no Père-Lachaise e nele colocou o nome de Allan Kardec; está convencida e que ele foi tal?*

Sra. Rivail – *Eu creio que não se deve gracejar sobre isso. Não é agradável ver rir de tais coisas.*

Juiz Millet – *Nós não estimamos as pessoas que se apropriam de nomes que não lhes pertencem, escritores que pilham de obras antigas, que ludibriam o espírito público.*

Sra. Rivail – *Todos os literatos usam pseudônimos; meu marido nada pilhou.*

---

<sup>159</sup>O Juiz incorreu em “equivoco”: não sendo tão grande, a tal floresta não mereceu registro nos compêndios de Geografia nem nos dicionários e enciclopédias...

*Juiz Millet – Foi um compilador, não um literato; um homem que fez magia negra ou branca; fique sentada!*<sup>160</sup>

O que a cega e irreverente malevolência dos acusadores do Codificador sempre fez questão de esquecer é que o uso de pseudônimo sempre foi, é e será comum em toda parte. Não são apenas os literatos que os utilizam; a prática também é vulgar entre os artistas e até entre os políticos. Os monarcas e os Papas se dão novos nomes quando são coroados. Nas ordens religiosas católicas trocam-se os nomes dos que fazem votos. E as pessoas de todos os povos, em todos os países do mundo, usam corriqueiramente apelidos familiares ou sociais.

A verdade é que, ao adotar o pseudônimo de Kardec, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail deu valioso testemunho não somente de fé, mas igualmente de humildade, pois seu nome civil era dos mais ilustres da França. Ele descendia de antiga e conceituada família, cujos membros brilharam na advocacia e na magistratura.

---

<sup>160</sup> Eis o protesto escrito da Viúva Rivail (p. 8 do apêndice ao “Procès des Spirites”):

“Declaro que o Sr. Presidente da Sétima Câmara Correccional não me deixou livre para bem desenvolver o meu pensamento, pois, em meu interrogatório, introduziu reflexões estranhas ao debate e desejou ridiculizar o Sr. Rivail, conhecido como Allan Kardec, fazendo dele um simples compilador e negando seu título de escritor. Protesto energicamente contra essa maneira de interrogar e solicito ser ouvida novamente, porque é costume na França respeitar as senhoras, sobretudo quando têm cabelos brancos. Não deveriam interromper-me e mandar assentar-me, após terem-se divertido com o que considero como inatacável, ou seja, o direito de ter feito construir um túmulo para o meu companheiro de provações, para o esposo estimável e honrado por homens do mais alto valor.”

Uma pessoa com tantos méritos e nome tão ilustre não precisava ocultar-se, senão por nobres razões, por trás de um pseudônimo.

\* \* \*

Se Allan Kardec não fora um austero sacerdote druida, teria sido talvez, no começo da era cristã, um daqueles jovens gauleses que, esquecidos da língua dos pais, disputavam entre si, em grego ou latim, a palma da eloquência nos chamados "*ludi miscelli*", espécie de torneios oratórios instituídos por Calígula em Lugdunum (Lião). Esta cidade tornara-se para a Gália qual foco literário cujo brilho radiava ao longe. Sábios romanos ali fixaram residência, foram fundadas livrarias e, a exemplo de Roma, a capital das Gálias tinha, também, seus professores livres e suas escolas municipais onde se ensinavam as gramáticas grega e latina, a retórica e a poesia.



## **PARTE QUARTA**

### **CAPÍTULO I**

## **A DOCTRINA ESPÍRITA OU ESPIRITISMO NA OBRA DO CODIFICADOR – O PENTATEUCO; OUTROS LIVROS**

A Codificação Kardequiana propriamente dita está encerrada no novo pentateuco escriturístico, ou, mais exatamente, “Pentateuco Kardequiano”, como ficou consagrado mundialmente. Obedecendo à ordem seguida no arrolamento dos títulos da produção lítero-doutrinária de Allan Kardec, que mais à frente inseriremos neste trabalho, compõe-se dos livros 1, 5, 10, 12 e 16, respectivamente, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”.

Os demais, ou foram substituídos pelos definitivos, supramencionados, ou constituem separatas dos que integram o Pentateuco, ou consistiram em opúsculos de popularização mais rápida de alguns princípios. Salvo, obviamente, “O que é o Espiritismo” e “Obras Póstumas”, que temos na conta de escritos auxiliares, complementares ou históricos, ligados à vida e à obra de Allan Kardec, previsões e predições quanto ao desenvolvimento da Doutrina e do Movimento.

No entanto, todas as publicações de Kardec, com a “Revue Spirite” dos anos 1858 a 1869, documentos e páginas póstumas, editados ou não até o presente, às quais somaríamos os livros substituídos e as edições primiti-

vas, posteriormente modificadas e ampliadas, representam valioso documentário de estudo e da historiologia do Espiritismo.

Em 1869, a RS foi de responsabilidade de Kardec até o mês de abril, inclusive, pois estão os seus fascículos assinados por ele. Como se sabe, a matéria dos mensários como RS e "Reformador", selecionada e revista com bastante antecedência por equipes administrativas compostas de não profissionais da Imprensa, é, no respeitante ao assunto que nos interessa mais de perto, extensíssima e dispersada aqui e alhures.

Temos a certeza de que, no porvir, alguns pesquisadores debruçar-se-ão sobre todo esse material coletado e dele apresentarão relatórios ilustrativos, em teses as mais instrutivas e consoladoras. Daí ser importante tudo reunir numa só obra, como cuidamos de fazer hoje, concentrando o máximo possível de dados esparsos, para que seja dispensável compulsar, amanhã, considerável quantidade de livros, periódicos e papéis, difusos por centenas de pontos diferentes. Sem com isso, entretanto, deixar de diligenciar sobre a conservação dos acervos culturais que nos são acessíveis à guarda e ao controle, os quais, como é lógico, enquanto perdurarem, hão de servir à perquirição dos futuros historiógrafos do Espiritismo.

## 2 – A “REVUE SPIRITE” (JOURNAL D’ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES)

O êxito de “O Livro dos Espíritos” ultrapassara todas as expectativas. Allan Kardec recebia de todos os lados relatórios de extraordinários fatos espíritas, cartas interrogando sobre esse e aquele ponto de doutrina, visitas inesperadas de pessoas que ansiavam por esclarecimentos maiores, do mesmo passo que recortes de jornais, injuriosos ao Espiritismo.

Nessa época, existia no Velho Continente apenas uma folha dedicada aos interesses espíritas e à sua divulgação. Era o “Journal de l’âme”, editado em Genebra (Suíça) sob a direção do Dr. Boessinger. Na América, o único jornal em francês era “Le Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans”, publicado pelo Sr. Barthès.

Enquanto os Estados Unidos possuíam dezessete jornais, em língua inglesa, consagrados a esses assuntos, a França, que então já apresentava forte contingente de adeptos da Doutrina dos Espíritos, carecia de um porta-voz dos novos ideais.

Tudo isso fez que Kardec se apercebesse da necessidade urgente de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos espíritas a par do que se passava no Mundo e que metodicamente os instruisse sobre as mais variadas questões doutrinárias. Em vez de responder a uma só pessoa, ele o faria a muitas ao mesmo tempo, se se servisse de uma publicação periódica.

Apesar de faltar a Kardec o tempo necessário para semelhante empreendimento, preso que estava a dois empregos a ele indispensáveis, assim mesmo pôs mãos à obra. Começou por solicitar a colaboração financeira do Sr. Tiedeman-Marthèse, sobre quem já fizemos referências no volume I, mas este se mostrou indeciso em tomar parte numa empresa de futuro incerto.

Em 15 de novembro de 1857, Kardec consulta seus Guias sobre a viabilidade do plano, fazendo-lhes várias perguntas. Por intermédio da Srta. Ermance Dufaux foi-lhe aconselhado que perseverasse no seu propósito, que não se intimidasse ante as dificuldades e que tempo teria para tudo. Relativamente à apresentação do periódico, o Espírito comunicante transmitiu estas oportunas instruções:

“Cumpre-lhe dispenses todo o cuidado, a fim de assestares as bases de um bom e durável êxito. A apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer, porquanto a primeira impressão pode decidir do seu futuro. É mister, sobretudo no princípio, que cuides de satisfazer à curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, por isso que, sem ela, o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio da variedade e reunir a instrução sólida ao interesse. Ele então será, para trabalhos ulteriores, poderoso auxiliar.”

Allan Kardec sentiu novas forças a lhe revigorarem o espírito e, desde então, estimulado indiretamente pelos Espíritos, e diretamente por sua dedicada esposa, cuja elevada compreensão lhe fora precioso refúgio nos momentos mais críticos, ele se apressou em redigir o primeiro número da “Revue Spirite”, sem nada ter informado a seus amigos.

A impressão foi realizada na “Tipografia de BEAU”, em Saint-Germain-en-Laye, a mesma que imprimira a edição príncipe de “O Livro dos Espíritos”.

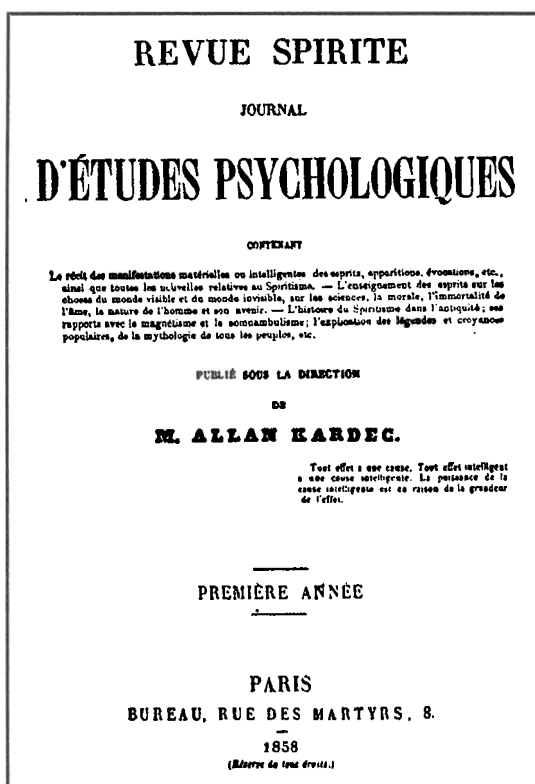
Finalmente, em 1<sup>o</sup> de janeiro de 1858, saía à rua o primeiro número da “Revue Spirite”. Não tinha ela um único assinante e nem a ajuda de algum capitalista. Tudo se fizera com os recursos pecuniários do próprio fundador – Allan Kardec. “Publiquei-o – declarou ele mais tarde – correndo eu, exclusivamente, todos os riscos, e não tive de que me arrepender, porquanto o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1<sup>o</sup> de janeiro, os números se sucederam sem interrupção e, como previra o Espírito, esse jornal se me tornou poderoso auxiliar.”

Ao título principal – REVUE SPIRITE – Kardec houve por bem juntar o subtítulo – *Journal d'Études Psychologiques*, considerando que o Espiritismo igualmente estuda a alma humana, suas faculdades e sentimentos, seu modo de vida e de relação.

Esse periódico, cujo número inaugural apareceu com 36 páginas úteis, teve seus escritórios instalados na residência de Kardec, então à rua dos Mártires (*rue des Martyrs*) n<sup>o</sup> 8. Aí, bem assim nas Livrarias Ledoyen e E. Dentu, podiam ser angariadas assinaturas.

Na “Introdução” ao primeiro número, Kardec não só esclareceu os objetivos de sua revista, como também traçou as diretrizes por que ela se guiaria, mantendo o público a par de todos os progressos e acontecimentos dentro da nova doutrina e precatando-o tanto contra os exageros da credulidade, quanto contra os do cepticismo.

A revista seria, segundo as próprias palavras do fundador, uma tribuna livre, “na qual, porém, a discussão não deverá nunca sair das regras da mais estrita conveniência”. E acrescentava: “Em suma, discutiremos, mas não disputaremos.”



“Revue Spirite” – 1<sup>o</sup> ano

Com a criação da “Revue Spirite”, diz o biógrafo André Moreil que o autor de “O Livro dos Espíritos”, ao contrário dos filósofos inacessíveis, não se encerraria numa glória esfingica, afastado do mundo. Em diálogo com adeptos e adversários, “permanece um educador, amigo dos homens, combatente ativo da nova luz”.<sup>8</sup>

Em menos de um ano, a “Revue Spirite” estava espalhada por todos os continentes do Globo. Kardec destaca, então, que se um jornal recém-fundado e tão espe-

<sup>8</sup> André Moreil: “La Vie et l’Oeuvre d’Allan Kardec”, Éditions Sperar, Paris, 1961, p. 114.

cializado era pedido das mais distantes regiões, com assinantes “nas mais altas camadas da sociedade e até nos tronos” (RS, 1859, p. 312), é porque o assunto despertara vivo interesse. “Ê, pois, pelo assunto que ela interessa, e não por seu obscuro redator” – ponderava Kardec (RS, 1858, p. 238).

Quando findou o primeiro ano da “Revue Spirite”, cuja publicação se fazia mensalmente, Kardec se congratulou com seus leitores, anunciando estar assegurada, por um número crescente de assinantes, a continuidade da publicação.

Ampliando rapidamente o círculo de simpatia e admiração entre todos os espíritistas, a “Revue Spirite” cedo se firmou definitivamente como o líder jornalístico da Nova Revelação.

De tal maneira aumentou o número de assinantes, que Kardec, a pedido destes, reimprimiu duas vezes as coleções de 1858, 1859 e 1860, a fim de que elas não lhes faltassem (RS, 1861, pp. 72 e 369).

Fatos e mais fatos, recentes ou antigos, transcritos na “Revue” levavam Kardec a apreciá-los, analisá-los, comentá-los, “submetê-los ao escalpelo da observação”, tendo por objetivo tecer reflexões, estabelecer conceitos, extrair ilações, deduzir conseqüências, descobrir causas e chegar a conclusões racionais.

Mostrando as aplicações do Espiritismo aos casos mais vulgares, Kardec fazia compreender toda a sublimidade da nova doutrina.

Não era raro fazer comentários, às vezes bem extensos, de fragmentos esparsos de livros, folhetins, artigos e documentos literários, filosóficos, científicos e religiosos, de épocas diversas, e que contivessem referências a manifestações dos Espíritos ou princípios, idéias e pensamentos espíritas. É verdade que nesses escritos

ele só se atinha aos pontos que interessavam ao Espiritismo, mas essa busca lhe exigia, pelo menos, a leitura de todo o conteúdo. Eleva-se a dezenas o número de autores, com suas respectivas obras pesquisadas por Allan Kardec. Citaremos os nomes do Rev. P. Bresciani, da Companhia de Jesus, Benjamim Franklin, Géraldy Saintine, Filóstrato, Lamartine, Dr. Gelpke, Rev. Pe. Bonaventure de Saint-Amable, Émile Deschamps, José Méry, Maximiliano Perty, professor nas Universidades de Berna, Leipzig e Heidelberg, Eugène Nus, George Sand, Dr. Chauvet, Dr. Charpignon, Elie Berthet, Xavier B. Saintine, Taxile Delord, Jules Barbier, Daniel de Foë, François Ponsard, Eugène Bonnemère, C. Tschokke, Ponson du Terrail, Beecher Stowe, Étienne de Jouy, Isabel Rowe, Victor Hugo, Victorien Sardou e muitos outros escritores, franceses ou não, a maior parte dos quais jamais aceitou o Espiritismo.

Kardec freqüentemente aproveitava as notícias da imprensa diária, mesmo as que não tivessem relação alguma com o Espiritismo, para comentá-las sob o ângulo espírita, e, quando necessário, realizava a evocação de Espíritos que lançassem luz sobre diferentes aspectos dos fatos apresentados. “Os jornais – dizia ele – estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que podem oferecer (...) assunto para estudos morais sérios; são para os espíritas mina inesgotável de observações e instruções.”

Inúmeras manifestações físicas espontâneas – ruídos, pancadas, arremesso de projetis de natureza diversa, deslocamento e quebra de objetos, estrondos, etc., etc., tudo devidamente comprovado, sem que ninguém descobrisse o autor ou os autores visíveis, nem mesmo com a vigilância ativa da polícia –, narradas pela imprensa francesa e de outros países, foram transcritas



por Allan Kardec na "Revue Spirite", dele recebendo explicações e esclarecimentos que lhes tiravam todo o caráter de sobrenaturais.

Notáveis casos de aparições, de bicorporeidade, de premonições, de vidência, de cura mediúnica, de obsessão, extraídos da crônica diária dos mais importantes jornais franceses da época, eram por Allan Kardec estudados na "Revue", à luz da Doutrina Espírita, como servem de exemplo os seguintes:

Os fenômenos inexplicáveis ocorridos na casa de um padeiro de Grandes-Ventes, perto de Dieppe; as manifestações na biblioteca Astor Library, de New York, onde era então bibliotecário-chefe o Dr. Cogswell; o lançamento de diferentes projetis na casa do Sr. Lesage, ecônomo do Palácio da Justiça e morador à rua des Noyers; o interessante caso verificado num navio que tinha por imediato o Sr. Robert Bruce, narrado pelo "Oxford Chronicle" de 1º de junho de 1861 e que se processara em 1828; o caso do soldado que falava de si mesmo na terceira pessoa, registrado no "Le Siècle" de 4 de julho de 1861; a epidemia "demoníaca" observada, em 1861, na comuna de Morzine (Alta Sabóia), ali falhando todos os recursos da religião e da medicina; as fortes detonações, com forte cheiro de pólvora, na casa nº 80 do Boulevard Chave, em Marselha, casa que estremecia toda, sem que a polícia descobrisse a causa, sendo esses fatos confirmados nos meses de fevereiro e março de 1865; os notabilíssimos fenômenos espíritas ocorridos com o Prof. N. G. Bach, ilustre músico, bisneto do grande Sebastian Bach, contados por Albéric Second no "Grand Journal" de 4 de junho de 1865. As circunstâncias que envolveram o desenrolar desse caso, referente à "espine-ta de Henrique III", foram de tal modo extraordinários, no que diz respeito à sua origem extra-humana, que o

próprio Prof. N. G. Bach começou a estudar o Espiritismo, tendo honrado com sua visita o mestre Allan Kardec, para o qual retificou, nalguns pontos, o relato do jornal. O Sr. Bach veio a ser notável médium escrevente, completamente mecânico, e por seu intermédio, e na presença do próprio Kardec, que lhe freqüentava a casa, um conjunto de fatos maravilhosos, relacionados entre si, foi observado (RS, 1866, pp. 50/55); as manifestações na rua du Prieuré, em Fives, perto de Lille (Norte), narradas pelo "Independant de Douai", de 6 e 8 de julho de 1865, destacando-se a chuva de projetis diversos nos pátios de duas casas, a caída de *sous* e de moedas de dois cêntimos belgas, a queda e o levantamento de móveis e outros pertences caseiros, etc., sem que ninguém descobrisse o autor ou os autores, nem mesmo a vigilância ativa da polícia; a estranha mediunidade, principalmente com fenômenos de "dupla vista", surgida na mocinha *Luisa B...*, *originária da Suábria e que então estava em Paris*. Ela vivia em estado cataléptico parcial, segundo os jornais "La Patrie", de 26 de novembro de 1865, e "L'Événement", de 28, e os fatos se passaram após o falecimento de sua irmã; a visão que o czar Paulo I teve do seu avô, Pedro, o Grande, quando era apenas o grão-duque Paulo. O fato se passou em S. Petersburgo e foi narrado pelo "Grand Journal", de 3 de março de 1866, extraído da obra "Le Culte de Satan", de autoria de Hortensius de Saint Aubin; a monomania incendiária de uma criança, narrada pelo "Salut Public", de Lião, em 23 de fevereiro de 1866; a tentativa de assassinio do imperador da Rússia, Alexandre II, em 1866, relatada pela "Indépendance Belge" de 30 de abril, e da qual Kardec fez um estudo psicológico. O curioso é que três semanas antes do atentado, o jornal "Die Gartenlaube" publicava o relato de uma sessão espírita feita em Heidelberg, e

na qual o Espírito Catarina II anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado de um grande perigo; o maravilhoso instinto musical demonstrado por um jovem negro, Tom, de dezessete anos de idade. Segundo o jornal ilustrado "Harpers Weekly", de New York, em 1866 setenta professores de música, de Filadélfia, consideraram o caso entre os mais admiráveis na história da música, impossível de explicar por qualquer das hipóteses que as leis da arte ou da ciência possam fornecer; as curas mediúnicas obtidas pelo zuavo Jacob, no campo de Châlons, segundo os jornais "Écho de l'Aisne", de 1<sup>o</sup> e 4 de agosto de 1866, "Presse Illustrée", de 6 de agosto, "Petit Journal", de 17 de agosto. As sessões de cura no Hotel de la Meuse foram suspensas por uma ordem do marechal, logo que a palavra Espiritismo foi pronunciada. Kardec havia conhecido o jovem zuavo e dá a resposta precisa àqueles que começavam a dizer que o médium só curava doentes do sistema nervoso; o caso de um menino de três anos, de notável inteligência precoce, narrado pela "Sentinelle Toulounnaise", de 19 de novembro de 1867, e comentado por Allan Kardec à luz do Espiritismo; o Espírito brincalhão do moinho do Sr. François Garnier, de Vicq-sur-Nahon, segundo narração do "Moniteur de l'Indre", de fevereiro e março de 1867; o "Figaro" de 12 de abril de 1868 descreve, como lhe contou o vice-presidente do Corpo legislativo (o barão Jérôme David), um sonho de morte tido por um seu amigo e que se concretizaria dez anos depois, com todas as suas minúcias; o "Journal de Rouen", de 22 de dezembro de 1868, reproduz um fato relatado por certo jornal de medicina, de Londres, a respeito da aparição de um filho (ainda vivo) à sua mãe. O fato é deveras interessante, e o Codificador se estende em diversos comentários, inclusive explicando como o Espírito do filho, que esta-

va num leito de enfermaria, se apresentou à mãe com as mesmas roupas que então vestia; e muitos outros casos...

Produções mediúnicas em prosa e algumas em verso, recebidas em várias partes do mundo, vinham às mãos de Kardec, que as joeirava antes de publicá-las na "Revue". Entre as centenas de comunicações obtidas na presença dele, havia um bom número do mais subido valor, focalizando temas históricos, literários, artísticos, científicos, filosóficos, religiosos, mas a maioria primava pelas elucidações de natureza exclusivamente doutrinária e moral, lançando luz sobre diversas questões obscuras. Kardec selecionava as melhores para a "Revue Spirite", e, às vezes, a título condicional, dava a público boas comunicações que não tinham, porém, caráter de autenticidade absoluta.

Os diálogos mantidos com Espíritos de todas as categorias e diferentes graus de evolução, nas sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eram geralmente reproduzidos na "Revue", a fim de servirem de ensino e orientação aos espíritas de todo o mundo. Dizia Kardec da necessidade de "discernir nas respostas (dos Espíritos) nuances que, muitas vezes, são traços característicos, revelações importantes, que escapam ao observador superficial, inexperiente ou ocasional".

Com o propósito de demonstrar a difusão das idéias e dos fatos espíritas em todos os lugares e em todos os tempos, Allan Kardec leu e anotou grande quantidade de obras literárias e teatrais, além de diversos outros escritos, alguns de caráter científico ou filosófico.

Conforme a relação abaixo, que só inclui as produções que interessaram ao mestre sob o ponto de vista espírita, cai por terra o que Jean Vartier escreveu a propósito. Destacara ele a predileção de Kardec para as matérias essencialmente científicas, tendo logo a seguir

acrescentado<sup>9</sup>: “Numa época de intensa efervescência literária, eles (Kardec e sua esposa) tomam resolutamente distância com a literatura.”

Mesmo que Allan Kardec houvesse tomado distância com a literatura, ele teria forte razão para isso: o tempo lhe era extremamente escasso, conforme frisou o próprio Vartier, na pág. 171 do seu referido livro.

Citadas e comentadas pelo Codificador na “Revue Spirite”, aparecem, então, estas produções do espírito humano:

“La Comtesse Mathilde Canossa”, do Rev. P. Bresciani, da Companhia de Jesus, em tradução do italiano, romance legendário publicado em Roma, 1858; – “Samora la Druidesse, ou Le Spiritualisme au quinzisième siècle”, romance semi-histórico de Clément de la Chave, Paris, 1860; – “Trois ans en Judée”, sábia e notável obra de Géraudy Saintine, 1860; – “Lettre d'un catholique sur le Spiritisme”, pelo Dr. Grand, antigo vice-cônsul de França, 1860; – “Appollonius de Tyanne, ses voyages, ses prodiges”, por Philostrate (nova tradução feita sobre o texto grego, pelo Sr. Chassang, mestre de conferências na Escola Normal, 1862); – “Le Spiritualisme rationnel”, pelo Sr. G.-H. Love, engenheiro, 1863; – “Exposé de la grandeur de la création universelle”, pelo Dr. Gelpke, publicado em Leipzig, 1817; – “Histoire de Saint Martial”, pelo Rev. Pe. Bonaventure de Saint-Amable, carmelita descalço; – Carta do abade de Saint-Ponc, cônego apresentador, datada de 10 de abril de 1741, sobre o Espírito sofredor que se manifestava na cela da irmã Maria, na cidade de Viviers; – artigo do poeta Émile Deschamps, publicado na “Presse Littéraire” de 15 de março de 1854,

---

<sup>9</sup>Jean Vartier: “ALLAN KARDEC, la naissance du spiritisme”, Paris, Librairie Hachette, 1971, p. 32.

contando como, desde 1846, lia o pensamento de certa moça qual se fora um livro aberto; – artigo de Pierre Dangeau no “Journal Littéraire” de 25 de setembro de 1864, contando as razões por que o poeta e romancista francês José Méry, autor da “Guerre du Nizam”, cria firmemente ter tido várias vidas na Terra; – descrição do perispirito, em 1805, pelo Dr. Woetzel, em obra de sua autoria em que relata a aparição de sua mulher após a morte desta, segundo a obra alemã “Os fenômenos místicos da vida humana”, por Maximiliano Perty, professor na Universidade de Berna, Leipzig e Heidelberg, 1861; – “Mois de Marie”, pelo padre Défossés, obra em que Dégenettes, antigo cura da Igreja de Nôtre-Dame des Victoires, em Paris, relata um fato passado com ele, em 1836, de evidente mediunidade auditiva; – “Les Dogmes nouveaux”, de Eugène Nus, na qual se destacam pensamentos espíritas expressos em encantadoras estrofes; – “Mademoiselle de la Quintinie”, de George Sand, obra que encerra pensamentos eminentemente espíritas; – “Nouveaux principes de philosophie médicale”, pelo Dr. Chauvet, de Tours, 1866, uma das primeiras aplicações à ciência positiva das leis reveladas pelo Espiritismo; – “Physiologie, médecine et métaphysique du magnétisme”, por Charpignon, 1842; – “La double vue”, romance de Elie Berthet, publicado em folhetins, em setembro e outubro de 1865, pelo jornal “Le Siècle”; – “La seconde vue”, de X.-B. Saintine, publicado em folhetins pelo grande “Moniteur”, em fevereiro de 1864, e é uma série de histórias que mostram cenas íntimas entre os habitantes deste mundo e do outro. O autor (1798-1865), romancista e dramaturgo, que escreveu o célebre romance “Picciola”, era simpático ao Espiritismo, e Kardec o conhecia pessoalmente; – em “Consuelo” e “La Comtesse de Rudolfstadt”, da Sra. George Sand, o princípio da reencarnação de-

semprenha papel capital; – o “Drag”, da mesma autora, comédia representada no *Vaudeville*, tem sua idéia fundamental inteiramente espírita; – no romance “L’assassinat du Pont-Rouge”, de Charles Barbara, as idéias espíritas aparecem com grande clareza, embora o autor jamais tenha sido espírita; – pensamentos e doutrina espírita são encontrados no romance-folhetim “Mon Village”, publicado no “Moniteur” da tarde (janeiro de 1867); – igualmente no “Conte de Noël”, estampado no “Avenir National” de 26 de dezembro de 1866, escrito de Taxile Delord; – idem, no comovente drama “Maxwel”, de Jules Barbier, levado à cena, em 1867, no “Théâtre de l’Ambigu”; – “Robinson Crusoé”, de Daniel de Foë, na edição ilustrada por Granville, apresenta, em várias passagens, princípios espíritas; – o drama em versos, “Galileu”, de Ponsard, representado em 1867, embora não trate de Espiritismo, como ressaltou Kardec, divulga e populariza a pluralidade dos mundos habitados, um dos princípios da Doutrina Espírita; – “Le Roman de l’avenir”, de E. Bonnemère, obra constituída de palestras sobre os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa, não cita uma vez sequer a palavra Espiritismo, mas, segundo Kardec, as idéias ali, em sua maioria, “parecem colhidas textualmente na Doutrina Espírita”. “Essa obra pode ser posta na classe dos livros mais sérios destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da Doutrina no mundo literário em que o autor ocupa destacada posição.”; – “Fernande”, novela espírita publicada em folhetim pelo “Moniteur du Cantal”, em maio e junho de 1866, por Jules Doinel (d’Aurillac). Boa moral, doutrina essencialmente espírita, falha, entretanto, em alguns pontos; – “Espoirs et souvenirs”, obra poética de Amédée Marteau, muito elogiada pelo “Phare de la Manche”, jornal de Cherbourg, em 18 de agosto de 1867. A obra revela um

crente entusiasta e devotado da pluralidade das existências em outros mundos, e nela tudo respira o amor do homem e o amor de Deus; – no romance-folhetim “La Comtesse de Monte-Cristo”, escrito pelo Sr. du Boys, e publicado pela “Petite Presse”, Kardec vê em passagens dos capítulos XXX e XXXI a inspiração na Doutrina Espírita; – no artigo “Bulletin du mouvement philosophique et religieux”, do jornal “La Solidarité”, de Paris, em seu número de 1º de maio de 1868, o Espiritismo é tratado com a devida consideração; – “Le Siècle” publica, sob o título “Paris inteira”, uma série de folhetins interessantíssimos, escritos por vários autores. Nos folhetins de 24 e 25 de abril de 1868, sai “Paris somnambule”, por Eugène Bonnemère, que trata das diferentes variedades de sonambulismo, fazendo intervir incidentemente o Espiritismo, de maneira altamente favorável; – “Le Siècle”, de 11 de fevereiro de 1868, resume a opereta “L’Élixir de Cornélius”, então encenada no teatro das “Fantaisies-Parisiennes”, peça em que a reencarnação era o núcleo da intriga; – ocupando-se do Espiritismo de maneira séria, há o artigo “Pesquisas psicológicas a propósito de Espiritismo”, publicado em “La Solidarité” de 1º de julho de 1868; – “Les mémoires d’un mari”, de Fernand Duplessis, editado em 1849, com várias passagens de fundo claramente espírita; – “Le régiment fantastique”, por Victor Dazur, pseudônimo provavelmente, editado em 1868, espécie de romance filosófico, em que as idéias espíritas e até o nome, Espiritismo, aparecem em diferentes trechos; – “Conférences sur l’âme”, por Alexandre Chaseray, 1868, obra em que a doutrina da pluralidade das existências é francamente apoiada em numerosas citações de autores célebres, embora, em outras, o autor se afasta completamente de Doutrina Espírita; – “Stunden der Andacht” (Horas de Piedade), por C. Tschokke, obra pu-



blicada em 1815 e com mais de quarenta edições, que encerra idéias espíritas em algumas meditações; – em carta publicada pela “Petite Presse”, de 20 de setembro de 1868, o célebre romancista francês Ponson du Terrail expressa a sua firme convicção de ter vivido ao tempo de Henrique III e Henrique IV, ele que lançara o ridículo sobre o Espiritismo; – “L’amitié après la mort, contenant les lettres des morts aux vivants”, por Madame Rowe, trad. da 5ª edição inglesa, e publicada em Amsterdão, em 1753, obra em que os princípios espíritas estão formulados com espantosa precisão; – em “A Cabana do Pai Tomás”, da Sra. Beecher Stowe, publicado nos E.U.A., em 1850, está claramente expressa a idéia da reencarnação, assim como outros princípios espíritas; – “Des destinées de l’âme”, por A. d’Orient, publicada em 1845, reeditada em 1868, obra em que o autor se apóia na pluralidade das existências, no progresso indefinido da alma, pelo trabalho realizado nas existências sucessivas, aceitando os princípios que formam a base do Espiritismo, inclusive o da não eternidade das penas; – em “Mélanges”, tomo XVI das obras completas de Étienne de Jouy, da Academia Francesa, Kardec colheu interessantes passagens espíritas, como o diálogo entre Madame de Staël, morta, e o duque de Broglie, vivo, bem assim diálogos com vários personagens históricos, cada qual revelando sua existência e o papel que representaram em vidas anteriores; – o romance “Spirite”, de Théophile Gautier, no qual, segundo Kardec, “a idéia espírita está decididamente afirmada”; etc., etc.

Embora lhe fosse pesada a tarefa, Allan Kardec dirigiu a “Revue Spirite” durante onze anos e pouco, por ela se responsabilizando sozinho, sem entrave de nenhuma vontade estranha. Enfrentou incessantemente as mais ásperas lutas, as mais violentas tempestades, a fim de

deixar aos continuadores de sua querida revista um campo de trabalho menos árduo e de horizontes mais bem definidos.

De certa forma, pode-se dizer, com o próprio Kardec, que a “Revue Spirite” é, nos seus primeiros dez anos, “o complemento e o desenvolvimento” da obra doutrinária por ele encetada em 1857, e tanto isso é verdade que nos livros da Codificação se deparam trechos inteiros e até mesmo capítulos anteriormente publicados na revista, que a partir de 1913 tomaria o nome de “*La Revue Spirite*”.

Centenas de colaboradores, de várias nações, entre encarnados e desencarnados, entre sábios e eruditos, entre criaturas do povo e de elevada posição social, entre cientistas, filósofos e literatos, entre espíritas e não espíritas, levantaram, com Kardec e após Kardec, a admirável pirâmide de mais de cem volumes da “Revue Spirite”, pirâmide que encerra a força e a beleza indestrutíveis do Espiritismo, nos seus três aspectos: ciência, filosofia e religião.

### 3 – “SOCIÉTÉ PARISIENNE DES ÉTUDES SPIRITES”<sup>10</sup>

No dia 1º de abril de 1858, Allan Kardec fundava em Paris a “*Société Parisienne des Études Spiritiques*”, que representou importante papel na marcha do Espiritismo.

Havia seis meses que reuniões de estudo se faziam na casa de Kardec, então sita na rua dos Mártires nº 8, nos fundos do pátio (*au fond de la cour*). “Eram saraus íntimos de oito a dez pessoas”, iguais a muitos outros que então já se realizavam em Paris. Mas a exigüidade de espaço na residência de Kardec, impossibilitando comportar o crescente número de estudiosos que ali compareciam, fez que alguns dos assistentes levantassem a idéia de se fundar uma sociedade espírita, em local mais amplo. Para cobrir as despesas primeiras, todos se cotizariam. O Sr. Dufaux, cuja filha, Srta. Ermance Dufaux, era o médium principal naquelas reuniões, conhecia pessoalmente o Prefeito da Polícia e deu garantia do caráter apolítico da Sociedade. Um certo general, simpático ao Espiritismo, conseguiu, junto ao então Ministro do Interior e da Segurança Geral, que a autorização para o funcionamento da Sociedade fosse concedida em tempo recorde. O que levava três meses demorou menos que quinze dias. Uma portaria do Prefeito da Polícia, datada

---

<sup>10</sup> Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Kardec costumava abreviar-lhe o nome: *Sociedade de Estudos Espíritos*, *Sociedade Espírita de Paris*, *Sociedade de Paris* (especialmente a penúltima forma). Neste volume, inúmeras vezes registramos as iniciais: SPES ou SPEE, em francês ou português, indistintamente.

de 13 de abril de 1858, e exarada de acordo com o parecer do Ministro do Interior, permitiu, afinal, a reunião dos espíritas em sociedade legalmente constituída, com regulamento e diretoria.



Rua dos Mártires nº 8, em Paris

Allan Kardec foi elevado à presidência da novel Sociedade, aos trabalhos da qual imprimiu uniforme e metódica direção, dentro da mais severa vigilância.

A princípio, e durante um ano, a Sociedade realizou suas sessões na galeria de Valois nº 35 (Palais-Royal). Alugaram, em seguida, um dos salões do restaurante Douix, na galeria Montpensier nº 12, no mesmo Palais-Royal, e ali se reuniam às sextas-feiras, até que a partir de 20 de abril de 1860 (RS, 1860, p. 130), a Sociedade ficou definitivamente instalada na rua Sainte-Anne nº 59, passagem Sainte-Anne<sup>11</sup>, para onde seria transferido,

---

<sup>11</sup> A passagem Sainte-Anne, caminho privado, aberto através do terreno do convento das *Nouvelles Catholiques*, deve seu nome à vizinhança da rua Sainte-

em 15 de julho de 1860, o escritório da “Revue Spirite” e o domicílio particular de Allan Kardec.



Residência de Allan Kardec na *Rue e Passage Sainte-Anne* nº 59, em Paris, onde ele centralizava as suas atividades espíritas.

A este último respeito, expliquemos o que então se passara. Na sessão particular da Sociedade, em 3 de fevereiro de 1860, Allan Kardec comunicou ter recebido de uma senhora provinciana a quantia de dez mil francos para ser utilizada, qualquer que fosse a maneira, no interesse do Espiritismo: “Empregai-a como entenderdes; não quero nem recibo nem controle.”

Achou, então, Kardec que a melhor forma de aplicar esse donativo seria destiná-lo ao que fosse necessário para a instalação da Sociedade em condições mais favo-

---

-Anne. A “passagem” começa justamente no nº 59 da rua Sainte-Anne. “Passagem” (*passage*): nome que se dá em Paris e em outras cidades a uma espécie de ruas cobertas, ou galerias, por onde só passavam pedestres.

ráveis aos seus trabalhos. Novecentos e oitenta francos foram gastos na compra de móveis e em despesas de instalação e outras, na nova sede, rua de Sainte-Anne, 59 (passagem Sainte-Anne). O restante do mobiliário, cujo valor era três ou quatro vezes mais, fora doado por Allan Kardec, retirado de sua própria casa.

Quanto ao aluguel do imóvel, a contribuição dos sócios só dava para pagar pouco menos da metade, sendo a diferença coberta pelo referido donativo. Se este fosse totalmente consumido pelo aluguel, a Sociedade poderia ficar, segundo os cálculos de Kardec, cerca de seis anos naquele local.

O Espiritismo progredira rapidamente. Crescente número de visitantes, franceses e estrangeiros, iam a sua casa, número que por volta de 1862 ascendia de 1.200 a 1.500 anualmente.

Considerando preferível recebê-los na sede da Sociedade, local desejável por sua situação central e mais adequado para tratar dos assuntos relativos ao Espiritismo; considerando que sua vida estava inteiramente consagrada à Doutrina e, portanto, não podia perder um minuto sequer – tornava-se necessário que ele alugasse um apartamento na vizinhança, ou ali instalasse seu domicílio ou, pelo menos, uma pousada, muito embora, como frisou, tivesse em sua casa, na avenida Ségur, um apartamento (*appartement*) em melhores condições e que nada lhe custava.

Devidamente esclarecido o problema ante os membros da Sociedade, a partir de 15 de julho de 1860 Allan Kardec passou a morar em sua sede, o que não o impedia de viver em sua própria casa, quando as obrigações lho permitiam. Essa dupla moradia era bem uma agravação de encargos e gastos. “Assim, sem o Espiritismo”

– explicava ele –, “eu estaria tranqüilamente em minha casa, na avenida de Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar de manhã à noite e, muitas vezes, pela madrugada a dentro, sem mesmo poder repousar, o que às vezes me é bastante necessário, porque sabeis que sou sozinho para satisfazer a uma tarefa cuja extensão dificilmente têm idéia, e que aumenta paulatinamente com o desenvolvimento da Doutrina.”

No seu longo discurso de encerramento do ano social 1858-1859, Kardec comunicava aos presentes a resolução de renunciar, para o futuro, a qualquer função na Sociedade, inclusive a de diretor de estudos, explicando que seus múltiplos afazeres aumentavam dia a dia, em virtude da extensão de suas relações, e que ele estava preocupado com outros trabalhos mais consideráveis, a exigirem laboriosos estudos, que absorveriam não menos que dez anos<sup>12</sup>. “Não ambiciono senão um título, o de simples membro titular, com o qual sempre me sentirei feliz e honrado.”

Aliás, desde o meado de 1858, desejava demitir-se de suas funções, tendo expressado isto em várias circunstâncias. Não o fizera porque poderia parecer defecção de sua parte e porque daria prazer aos adversários.

Agora, porém, ele achava chegada a hora de abrir mão da presidência da Sociedade, considerando justo que todos tivessem a sua parte nos cargos e nas honras.

Todavia, nenhum dos membros aceitou as razões ou ponderações de Kardec, e o reelegeram, por unanimidade, no cargo de presidente. Ante testemunho de apreço e confiança tão lisonjeiro, ele achou que seria indelicadeza persistir na recusa. Aceitou, porém, condicionalmente a sua reeleição e sob a reserva expressa de re-

---

<sup>12</sup>Em 1869, cerca de dez anos depois, Kardec desencarnava, deixando acabada, como previra, a codificação do Espiritismo.

## ZÊUS WANTUIL E FRANCISCO THIESEN

signar às suas funções logo que a Sociedade encontrasse um outro nome. Tal não aconteceria pelos anos a fora. Kardec revelou-se insubstituível e, sempre reeleito, acabou presidindo a Sociedade até a sua desencarnação.

Ao que parece, por volta de 1859/60 surgira uma crise na Sociedade, que ele relembrou no seu relatório de 1º de abril de 1862 (RS, 1862, pp. 161/2). Esclareceu, então, que a Sociedade havia tido em seu seio elementos de dissolução, os quais ali entraram com certa facilidade. Sua existência chegara a ficar comprometida. Fatigado com os estremecimentos, Kardec duvidara da utilidade real da Sociedade, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Estava resolvido a retirar-se, a fim de que melhor pudesse trabalhar na grande obra encetada, quando foi dissuadido por muitos companheiros e por várias comunicações espontâneas. Uma destas dizia-lhe:

“A Sociedade formada por nós com o teu concurso é necessária; queremos que ela subsista, e subsistirá, malgrado a má vontade de alguns, como o reconhecerás mais tarde. Quando um mal existe, ele não se cura sem crise; assim é do pequeno ao grande, no indivíduo como nas sociedades, nas sociedades como nos povos, nos povos como o é na humanidade. Nossa Sociedade, dizemos, é necessária; quando o deixar de ser sob a sua forma atual, ela se transformará como todas as coisas. Quanto a ti, não podes, não debes retirar-te. Não pretendemos, entretanto, subjugar teu livre-arbítrio; apenas dizemos que a tua retirada seria uma falta que um dia lamentarias, pois entravaria nossos planos...”

De acordo com o seu regulamento, anexado a “O Livro dos Médiuns”, no cap. XXX, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) tinha por objeto “o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíri-



tas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas”. Na verdade, seus estudos eram mais de caráter teórico ou filosófico que experimental. Quando havia experiências, estas jamais visavam a excitar a curiosidade, objetivando apenas a observação, o estudo e a confirmação de princípios admitidos.

A SPEE não era absolutamente uma sociedade de propaganda, como muitos pensavam. Instruir – era o seu programa. “Não formamos – frisava Kardec – nem uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com interesse comum.” (RS, 1860, p. 100.)

Compunha-se de sócios titulares, associados livres, sócios correspondentes e honorários, todas pessoas sérias e dignas, entre magistrados, médicos, engenheiros, cientistas, literatos, artistas, funcionários civis, oficiais do Exército e da Marinha, negociantes, etc., afora simples operários e alguns membros da nobreza. “O grão-senhor e o artesão aí se dão as mãos fraternalmente” – escrevia o presidente da SPEE.

Somente o sócio titular tinha o direito de voto deliberativo, no que diz respeito aos negócios da Sociedade. Os sócios honorários, residentes na França ou no estrangeiro, eram anualmente submetidos a reeleição.

A diretoria constituía-se de presidente, vice-presidente, secretário-geral, secretários adjuntos e tesoureiro. Um ou mais presidentes honorários podiam ser nomeados, e o primeiro a ocupar esse cargo foi o Sr. Jobard, muito ilustrado e fervoroso adepto do Espiritismo, diretor do Museu Real da Indústria, na capital belga, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade de Incentivo de Paris.

A SPEE era administrada pelo presidente-diretor, assistido pelos membros da diretoria e de uma comissão

composta de diretores e sócios titulares. A comissão era igualmente presidida, de direito, pelo presidente-diretor.

A fim de prover às despesas, os associados titulares e livres pagavam uma cota anual, sendo que os primeiros ainda contribuíam com uma jóia de admissão.

No mês de abril de 1862, a SPEE contava com oitenta e sete membros pagantes, sem incluir os membros honorários e correspondentes. “A ela seria fácil – comentava Kardec – dobrar e até mesmo triplicar esse número, se visasse a receita; bastava cercar as admissões de menos dificuldades. Ora, longe de diminuir essas dificuldades, aumentou-as, visto que, sendo uma Sociedade de estudos, não quis afastar-se dos princípios que motivaram a sua instituição, e porque jamais fez questão de interesse material. Não procurando entesourar, era-lhe indiferente ser pouco mais ou pouco menos numerosa.” (RS, 1862, p. 162.)

Em discurso que pronunciou em Lião e Bordéus, Kardec declarou ser necessário, para que uma sociedade enfrente as despesas de sua manutenção, a cotização entre seus associados. “A especulação consiste em se fazer uma indústria da situação, convocando o primeiro que surge, curioso ou indiferente, para exigir seu dinheiro.” Mais adiante, asseverava o seguinte: “Uma entidade espírita deve prover às suas necessidades, dividindo entre todos as despesas, jamais lançando-as aos ombros de um só. Isto é justo, e não existe nesse critério exploração nem especulação. Não seria o mesmo caso, se o primeiro que aparecesse pudesse adquirir, mediante pagamento, o direito de ingresso, o que equivaleria a desnaturar a finalidade essencialmente moral e instrutiva das reuniões desse gênero, para delas fazer um espetáculo de curiosidade.”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup>*Voyage Spirite en 1862* (“Viagem Espírita em 1862”), de L’Union Spirite Kardeciste Belge, Farcienne, s.d., pp. 29 e 30.

Ainda acerca da SPEE, Kardec observava que esta não tinha sobre as demais sociedades outra autoridade que a da experiência. Não se imiscuia em seus afazeres, limitando-se a pareceres oficiais, quando solicitados. O laço que as unia era puramente moral, não existindo entre elas e a SPEE nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material.

Havia dois tipos de sessões: gerais e particulares, e nunca foram públicas, pelo menos ao tempo de Kardec. Reuniam-se às sextas-feiras, às 20 horas, intercaladamente. Às gerais admitiam-se, temporariamente, assistentes convidados ou ouvintes recomendados.

Muito ordeiro no andamento dos trabalhos da SPEE, é diante de certos acontecimentos que Kardec se vê obrigado, na sessão geral de 24 de agosto de 1860, a lembrar às pessoas estranhas à Sociedade os reais objetivos dela. Nem experiências, nem assunto para distrações. Coisas sérias para estudos sérios. Se acaso – frisava ele – estivessem presentes pessoas apenas curiosas, ou que não partilhassem das idéias espíritas, que se mantivessem em silêncio e que, por um princípio de decoro, respeitassem as convicções alheias. E Allan Kardec, de maneira incisiva e direta, diz que ele não convidara tais assistentes às sessões da Sociedade, pois, por experiência, sabia que a convicção não nasce nem se forma em apenas algumas sessões.

As sessões particulares eram reservadas exclusivamente aos membros da SPEE e, entre outros assuntos, tratavam de todas as questões relativas aos negócios administrativos. Só muito excepcionalmente, e com autorização expressa do presidente, é que pessoas estranhas poderiam delas participar.

O mestre fazia cumprir à risca o regulamento da SPEE, um dos motivos que a levou a progredir rapida-

mente em importância aos olhos do mundo. Jamais cedeu a nenhum incitamento tendente a fazê-la desviar-se do caminho da prudência. “Reunimo-nos – escrevia ele – para o estudo e a observação e não para transformar nossas reuniões em arena de controvérsias.” Isto ele dizia a propósito da rigorosa escolha que se procedia na admissão de novos membros.

Através de um “Boletim”, normalmente publicado na “Revue Spirite”, Kardec dava a conhecer a súmula dos trabalhos de cada sessão geral ou particular. Mais tarde, talvez por falta de espaço na “Revue”, ele aí deixou de registrá-los.

Quando certas manifestações mediúnicas apresentavam aspectos deveras interessantes e curiosos, Kardec as levava a debate nas sessões da SPEE, com o propósito de ampliar conhecimentos, estabelecer conceitos novos e confirmar princípios doutrinários.

Foram muitos os médiuns que ao tempo de Kardec serviram na SPEE, quase todos psicógrafos. Não era raro reunirem-se ao mesmo tempo, à volta da mesa, cerca de dez a doze médiuns. Entre os mais citados por Allan Kardec há os nomes dos Srs. Roze, Alfred Didier, Didier Filho, Forbes, Collin, Pécheur, Darcol, d'Ambel, Leymarie, E. Vézy, Flammarion, Albert, Delanne, Bertrand, Nivard, Vavas seur, Desliens, Cazemajour, Morin; das Sras. Parisse, De Boyer, Costel, Schmidt, Patet, Delanne, Breul; e das Srtas. Eugénie, Huet, Stéphanie, A. C., Lateltin.

Em julho de 1861, houve nas sessões mediúnicas da SPEE acontecimento dos mais curiosos, suscitado por uma dissertação espontânea do Espírito Lamennais sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, recebida em 19 de julho. Estabeleceu-se verdadeira polêmica entre vários Espíritos, em altos termos, transformada em notável torneio literário e filosófico, “tão curioso quão

instrutivo" – escreveu Kardec. Por três médiuns, Srs. A. Didier, d'Ambel e Sra. Costel, manifestaram-se espontaneamente, com réplicas e tréplicas, os Espíritos de Lamennais, Buffon, Visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre e até mesmo, através de uma alegoria filosófica, Gérard de Nerval.

No final, o Espírito de Erasto, um dos Guias da SPEE, disse do proveito a extrair, sob o ponto de vista da instrução espírita, do interessante debate e, entre outras coisas, escreveu:

"Buffon, Gérard de Nerval, o Visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que notáveis neles, quando vivos. Creio ser útil chamar a vossa atenção para essa condição de ser do nosso mundo de além-túmulo, a fim de que não venhais a crer que abandonamos instantaneamente nossas inclinações, costumes e paixões, ao nos despojarmos das vestes humanas." (RS, 1861, p. 269.)

O "presidente espiritual" da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas era o Espírito de S. Luís (RS, 1859, p. 353), que foi, na França, o rei Luís IX. Os sábios conselhos desse Espírito preservaram a Sociedade de vários perigos, e sua proteção pode ser comprovada por diversas vezes. Apesar disso, Allan Kardec debatia com ele certas respostas e até mesmo discordava de outras não muito claras ou precisas, o que levava o Espírito a reescrevê-las. Essa discordância igualmente se manifestava, às vezes, com outros Espíritos não menos elevados. Era comum S. Luís fornecer explicações acerca de vários assuntos, solicitadas pelo Codificador. Este, em muitos casos, já tinha a sua opinião mais ou menos formada, mas o Espírito de S. Luís, ao ser consultado, apresentava outra, mais simples e racional, que a tornava preferível. Isto

vem provar, como o próprio Kardec assinalou mais de uma vez, “que os médiuns não são o reflexo do pensamento de quem interroga”. (RS, 1861, p. 139.)

A começar de 1860 é que ficara estabelecido que certas comunicações dos Espíritos, recebidas na SPEE, aí seriam submetidas a exame crítico, a fim de que os Espíritos esclarecessem e desenvolvessem os pontos meio obscuros. O Espírito de S. Luís concordara com essa medida, considerando-a útil para que os Espíritos mistificadores não tivessem facilidade de penetração. Em diversas oportunidades, o presidente martelou os Espíritos comunicantes com perguntas baseadas no texto da dissertação.

Acontece que, em discutindo o teor das comunicações recebidas, Kardec desagradou, algumas vezes, certos médiuns que se consideravam intérpretes infalíveis dos Espíritos. Contrariados e inconformados com essa análise das mensagens mediúnicas, deixavam a Sociedade. “Aos seus olhos – escrevia ele –, os obsidiados são aqueles que não se inclinam ante suas comunicações.”

A partir de 1861, o nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos foi simplificado, não estatutariamente porém, para “Sociedade Espírita de Paris”, e o próprio Kardec passou a usá-lo com frequência, mais ainda de 1862 em diante, havendo ocasiões em que simplesmente a denominava: “Sociedade de Paris”.

Em 1862, Kardec propôs, em nome da SPEE, um projeto de regulamento para uso nos grupos e pequenas sociedades espíritas, com vista a manter a unidade de princípios e de ação.

Tal projeto, de 18 artigos apenas, estampado em sua obra “Voyage Spirite en 1862”, comportava, sobretudo, medidas de disciplina interior e, segundo ele, poderia ser modificado de acordo com as circunstâncias e as neces-

sidades locais. Foi muito útil, não só na França, como no exterior, facilitando a formação de numerosos centros em que era reduzido o número de membros.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas se viu sujeita a muitas vicissitudes, não sendo “dos menores percalços” na multifária tarefa de Allan Kardec. Sobre pôs-se às calúnias e maledicências de toda a sorte, firmou-se, cresceu e veio a ser modelo para numerosas associações de estudo e propaganda da Nova Revelação, posteriormente criadas na França e em várias outras partes do Mundo, inclusive no Brasil.